

Reciclar, coletar ou jogar fora?*

Elisabeth Grimberg

Elisabet Grimberg é Mestre em sociologia, Coordenadora da Área de Ambiente Urbano do Instituto Pólis e Coordenadora do Fórum Lixo e Cidadania da Cidade de São Paulo.

Publicado em: 13/04/2005

A produção e gestão de resíduos ficou mais conhecida através do serviço da coleta seletiva. No entanto, coletar seletivamente é apenas um momento de toda a cadeia de reaproveitamento de resíduos

A cadeia se estende desde a geração, extração da matéria-prima, a produção, o consumo e o pós-consumo, quando se entende que um produto já não tem mais nenhuma finalidade/utilidade. Ele é descartado e, então, é coletado ou misturado (poderíamos chamar isso de lixo); ou é feita a chamada coleta seletiva, selecionando o que é orgânico e o que é inorgânico, permitindo que se tenha uma qualidade melhor dos materiais coletados. No momento da comercialização, que vai dar seguimento ao caminho desse material para a cadeia produtiva, ele tem melhores chances de ser mais valorizado.

A reciclagem já é aquele momento em que os materiais que foram coletados separadamente, triados, organizados e enfardados, vão ser vendidos e processados, reciclados, para se tornarem um outro produto ou insumo, na cadeia produtiva, da indústria.

Mudando conceitos

O conceito “lixo” é carregado de um estigma, de preconceitos. É tido como final de ciclo de vida. As pessoas o querem ver longe de si, de sua casa. É muito associado à morte. Se a gente quer promover ações voltadas para uma nova atitude e novos valores diante daquilo que nós diariamente produzimos é preciso arejar e trazer uma nova conceituação. As pessoas mais pobres geram o mínimo de resíduos porque não têm condições de consumir, enquanto as pessoas onde estão concentradas as faixas de maior renda, produzem até 1,5kg de resíduos por dia.

O Brasil produz cerca de 150 mil toneladas/dia de resíduos. Para onde vão estes resíduos? A maior parte, mais de três mil municípios, está jogando estes resíduos a céu aberto (lixões). Sequer vão para locais com tecnologias ambientalmente adequadas para contaminar o mínimo possível os lençóis freáticos, o solo e o ar (aterros sanitários).

Há dez anos esse tema já veio à tona com muita força. Uma iniciativa da Unicef, que identificava a presença de 45 mil crianças vivendo nos e dos lixões no Brasil, em 1998, chama o poder público e a sociedade para discutir o que fazer, que estratégias usar diante da situação destas crianças, sujeitas a todo tipo de riscos.

Daí nasce uma campanha: “Criança no lixo nunca mais”. Vivemos, eu diria, uma nova era na

questão de saneamento ambiental/resíduos sólidos. Na pesquisa nacional de saneamento básico, do IBGE (2000), é incluída como categoria do censo o número de catadores existentes no Brasil, como também a questão dos lixões, da coleta seletiva e da educação ambiental.

Gestão com educação

No Japão não há varrição de rua. Por quê? Porque as pessoas são educadas. Tornou-se uma cultura. Para se chegar a isso, são necessárias duas coisas: educação e infra-estrutura de coleta, com lixeiras em todos os lugares. Esse processo é um acordar. É a mesma coisa que pessoas analfabetas, dizerem: “quando eu aprendi a ler, parece que perdi a cegueira”. O que leva as pessoas a participarem da cadeia da reciclagem, nessa ponta que é a separação (a pessoa não recicla, ela separa e destina para a reciclagem) é um certo nível de informação, uma certa consciência/conhecimento de que se está desperdiçando, quando as pessoas se dão conta de que isso é uma matéria-prima.

Existe, também, uma preocupação grande com o planeta. Não acho que é uma consciência, mas uma sensibilidade. A geração de trabalho é um item que passou a compor, mais fortemente, esse estado de sensibilidade de um número maior de pessoas. Criou-se, inclusive, uma visão polarizada entre aqueles que acham que catador atrapalha o trânsito e aqueles que têm uma visão de cidadania mais ampla, que olham isso como oportunidade de geração de trabalho e renda, como oportunidade de educação, de negócios, de participação.

Nós temos que considerar que temos um compromisso ético com as próximas gerações. Do ponto de vista da educação, nós temos que discutir com a moçada qual é a pauta de produtos socialmente necessários e ambientalmente sustentáveis.

É preciso mudar a cultura do “estragou, joga fora”, para reutilizar, recondicionar, consertar. Inverter a lógica do consumo, do mercado. Então, no final de toda discussão de resíduos, você está discutindo também a organização das relações sociais, para que tenhamos mais ética, alegria, felicidade, porque ninguém está muito feliz só olhando como horizonte tudo o que falta consumir, aquilo que não tem. Fica em pânico por não ter trabalho e milhares de coisas sendo oferecidas a todo momento na televisão, no rádio, em todos os lugares. Quando vai se falar em resíduos sólidos, em sustentabilidade, é preciso ver o sistema como um todo.

Antigamente nós tínhamos o mínimo de geração de resíduos. Hoje nós devemos ter como horizonte a meta de resíduos zero, ou gerar o mínimo e reciclar o máximo.

**Artigo originalmente publicado na revista Mundo Jovem.*